

AA.VV, Traços e Riscos de Vida — Uma Abordagem Qualitativa a Modos de Vida Juvenis, Porto, Âmbar, 1999.

Quer pelo objecto que decalca o título do livro, quer pela abordagem nele preconizada, *Traços e Riscos de Vida* destaca-se no panorama actual da produção sociológica sobre a juventude. Com efeito, a combinação dos temas propostos pelos diferentes autores que integram esta obra colectiva, principalmente relacionados com as problemáticas da *margem*, do *desvio* e da *exclusão*, opõe-se de certo modo às orientações modais que têm prevalecido nos estudos sobre os jovens realizados em Portugal. Os temas em si não são inéditos. Outros estudos têm-se dedicado às problemáticas que fazem emergir objectos situados à margem das situações e dos percursos tidos como convencionais. Mas, e esta é sem dúvida uma das razões que justificam a atenção que o livro merece, em nenhum outro se procura dar uma visão tão ecléctica dessas situações e percursos, misturando intencionalmente nos espaços referenciados, nos tempos convocados e nos actores envolvidos realidades muito distintas que se entrelaçam, no entanto, em torno de um eixo comum: o risco. Mais do que de riscos entendidos como consequências físicas e psicológicas negativas sobre o próprio (que também as há e não deixam de estar assinaladas ao longo dos retratos que são descritos), o percurso da investi-

gação incide sobretudo no risco da exclusão, da rejeição que nasce da escolha diferente, quase sempre vista como má escolha e sempre vista como fonte de angústia e de marginalização. Neste sentido, o foco do risco selecciona a realidade juvenil, elegendo determinadas situações e certos grupos como interlocutores privilegiados. É das *escolhas de risco* dos actores estudados pelos diferentes autores que o livro nos fala. E da forma como o faz resulta uma segunda razão pela qual *Traços e Risco de Vida* merece destaque.

Do ponto de vista metodológico, o livro também vai contra as tendências prevaletentes no campo da sociologia da juventude, porventura demasiadamente caracterizado por formas de inquirição quantitativa, designadamente através de inquéritos a amostras representativas da juventude portuguesa. Evidentemente, o predomínio dessa tendência quantitativa não exclui nem nega a existência de importantes investigações feitas com base em metodologias qualitativas. Também aqui não é o recurso à abordagem qualitativa que é inédito. Mas nenhuma outra investigação recorreu a uma panóplia tão diversa de técnicas qualitativas como as que são usadas para dar conta dos diferentes riscos e situações de risco descritos ao longo do livro. Na introdução, Machado Pais referencia os mecanismos activados na diversidade metodológica da pesquisa: observação flutuante, observação *in situ*, entrevistas biográficas aprofundadas, grupos de discussão, retratos do dia

a dia e projecções avaliadoras do passado e do futuro. Toda esta panóplia de técnicas foi usada com um intuito naturalista que fosse capaz de revelar os sentidos e os significados das práticas estudadas a partir do seu enquadramento «natural», dispensando com alguma displicência pressupostos teóricos e hipóteses geradoras de partida. A *démarche* de pesquisa privilegiou a ida para o terreno, a partir do qual, pouco a pouco, se ia exercendo a elaboração teórica à medida que o terreno se tornava mais familiar e a inquirição uma necessidade de conhecimento.

O percurso da pesquisa que é relatado assemelha-se a um percurso por diferentes situações que constituem, nuns casos, modos de vida e, noutros, expressões culturais de uma identidade mais vasta. O itinerário começa por «Traços redondos» (Duarte Vilar e Ana Micaela Gaspar), em que se conta como a gravidez entre jovens adolescentes das classes populares é vivida. A estratégia analítica privilegia principalmente os testemunhos e o discurso das protagonistas, mas não deixa de ter a argúcia de os inserir na lógica de reprodução social e nas estratégias de sobrevivência. A «Traços redondos» sucede «Laços e dependências» (Nuno Miguel, António Maia e Maria do Carmo Gomes), ou seja, os modos de vida que resultam das socializações em torno do consumo de drogas. Mais do que procurar factores impulsionadores desses consumos, dá-se conta de parte do universo dos que circulam

nos labirintos do Casal Ventoso. A realidade da exclusão prolonga-se pelo capítulo «Traços negros» (Jorge Vala e Sheila Khan), que aborda as identidades dos jovens negros em confronto com as diferentes modalidades de aculturação. Os processos aí relatados mostram como a inserção na sociedade portuguesa permite várias possibilidades, mas nenhuma delas evita o sentimento de exclusão e da discriminação racial. Em «Traços falantes» (Filomena Marques, Rosa Almeida e Pedro Antunes) é também de exclusão que se fala, embora neste caso, ou seja, na cultura *grafitti*, resulte, não de um atributo «adstrito», mas da adesão a um modo de vida particular. Com efeito, a prática *grafitti*, como é relatada ao longo da pesquisa, não significa apenas a visibilidade pública de uma expressão artística, mas também envolve a inserção numa cultura mais vasta a partir da qual essa prática se torna compreensível (naturalmente para os que não a partilham). As práticas «expressivas» voltam a estar em foco nos capítulos seguintes. Em «Traços nocturnos» (Maria do Carmo Cabêdo Sanchez e Humberto Martins) relatam-se as culturas juvenis de diversão que se manifestam em torno da apropriação de determinados espaços da cidade, no caso da pesquisa em causa o *Bairro Alto*. Essas mesmas culturas são novamente captadas em «Traços contínuos de diversão» (Margarida Rebelo), que relatam a emergência e o desenvolvimento do fenómeno *rave*. Em jeito de balanço, o capítulo da conclusão, «Traços cruzados e riscos

de vida» (José Gameiro e Ana Dantas), põe em evidência os tracejados psico-sociológicos das condutas dos jovens e esboça os *traços* necessários e aconselháveis a uma política de prevenção dos riscos juvenis.

Mas não é apenas da originalidade dos temas e das abordagens que o livro vive. Os conteúdos, os testemunhos transcritos, os esboços analíticos e os enquadramentos teóricos compõem também a matéria de que é feito. Em consequência das opções tomadas, há um ritmo próprio na forma como são descritos os diferentes objectos de pesquisa. Em parte, esse ritmo é marcado pela atenção dada ao aspecto informativo ou descritivo e ao espaço concedido às falas e aos discursos dos actores estudados. É por isso frequente o recurso a transcrições seleccionadas que, substituindo-se, por vezes, à lógica da argumentação, dão vida às situações relatadas. Por outro lado, o ritmo da exposição é também marcado por um discurso «solto» que recusa enveredar por linguagens muito codificadas ou marcadamente técnicas, tornando a leitura mais fluida e atractiva.

Ultrapassando, no entanto, a impressão agradável que o livro causa, reforçada aliás pela cuidada e original apresentação gráfica, parece-me que uma das principais insuficiências relaciona-se com a falta de generalização dos pontos de partida e das conclusões alcançadas. Esta falta fica a dever-se à insatisfação relativamente aos enquadramentos gerais e teóricos dos problemas que se investigam. Em alguns casos, como nos *traços redondos*, enquadramentos

mais gerais ajudariam a situar o problema ou o subuniverso do problema que estuda; noutros, como nos *traços, laços e dependências*, as conclusões parecem situar-se aquém da riqueza informativa recolhida e apresentada; noutros ainda, como nos *traços nocturnos*, a descida rápida ao terreno impede uma definição clara dos problemas de partida (não se perderia nada em deambular-se um pouco mais nos desenvolvimentos teóricos da cultura juvenil da noite), tornando a articulação entre culturas juvenis e a noite um pouco obscuras.

É também evidente que num livro em que se conjuga uma ampla diversidade de técnicas de pesquisa se esperaria ver, pelo menos em relação a algumas delas, sobretudo as que são mais originais ou mais inusitadas, desenvolvimentos e fundamentações mais sólidos. Em alguns casos, a referência metodológica é apenas uma porta para o «vivido» que se estuda e uma justificação para a recolha do material discursivo que se analisa. As opções metodológicas, designadamente o recurso ao testemunho dos actores, nem sempre exibem uma adequação convincente aos problemas de pesquisa.

Obviamente, o espaço tem as suas limitações. Seria impossível pretender desenvolvimentos longos numa obra tão multifacetada nas abordagens que oferece e nos múltiplos temas tratados. É nesta diversidade que *Traços e Riscos de Vida* encontra a sua originalidade, mesmo que à custa de uma certa contenção teórica e metodológica.